

MUDAR A POLITICA  
MUDAR A CULTURA  
MUDAR A EDUCAÇÃO

UMA RELAÇÃO  
EDUCATIVA  
INSTITUINTE

ANO LECTIVO 1983/4

MAIO



Este trabalho (muito pequeno) é feito à luz de dois pólos:

1. Por um lado, procura analisar a realidade: procura com o arado lavar a terra, compreender o que se passa no coração da aventura humana.
2. Por outro lado, procura ver as estrelas: procura captar a corrente quente do fundo dos tempos, a Utopia. A Utopia é vista como aquilo que não existe em lado nenhum porquanto existe apenas no futuro e agora vive a vida pelo princípio esperança.

Uma constatação: "a opinião pública já não fala a linguagem da política: é a inquietação e a desconfiança que a governam, e já não a cõlera e a esperança". (A. Touraine, L'après-socialisme, pag. 13)

A nossa volta é a crise generalizada: a angústia invade-nos com a frequência e persistência que se fala de crise política, económica, cultura, de crise da educação, de crise de valores, de crises pessoais, etc.

Na cena nacional como internacional, os discursos estão gastos: a sociedade prometida não é mais portadora de sentido e de esperança para o conjunto da população.

Onde e como encontrar uma "explicação" para tanto desencanto?

Algumas notas:

- a. A medida que nos aproximamos do fim do século XX, cresce a convicção de que outras coisas vão acabar também. A civilização em que nos movemos parece ter esgotado as suas reservas de criatividade. A "crise" é generalizada: a morte dos modelos, o avanço "imparável" dos tecnocratas, a mentira pública por parte dos responsáveis políticos tornada endêmica e banal. É a "crise" de uma cultura impotente para compreender a história e para submeter esta a uma direcção racional.
- b. A nossa cultura é a cultura do individualismo competitivo: é uma cultura que, na sua decadência, leva a lógica do individualismo até ao extremo da guerra contra todos, até ao impasse da obsessão narcísica. "Ainda que Narciso possa funcionar no mundo de todos os dias e encantar, por vezes, quem o rodeia (...), a sua depreciação dos outros assim como a sua falta de curiosidade frente a eles empobrecem a sua vida profissional e reforçam a experiência subjectiva do vazio (...). Narciso é incapaz de sublimação. Ele depende, então, dos outros que devem incutir-lhe constantemente aprovação e admiração. É-lhe necessário agarrar-se a alguém e levar uma existência parasita. Entretanto, o seu medo de dependência afectiva juntamente com a sua maneira de manipular e explorar em proveito próprio as relações pessoais tornam estas relações incolores, superficiais e extremamente pobres". (C. Lasch, Le complexe de Narcisse, 1981)
- c. A nossa cultura gera os narcisos: as solidariedades sociais que davam ao indivíduo uma visão do mundo e de si mesmo, um sistema de valores concedendo sentido às suas condutas romperam-se; temos a banalização da e-

- xistência e a indiferença social.
- d. No quadro político e cultural assinalado, é inevitável o impasse na educação: a grande questão da educação tem, provavelmente, a ver com o sentido da educação, isto é, com os fins da educação. As nossas sociedades "desenvolvidas" não são portadoras de sentido. Não surpreenderá, assim, que a educação (do latim "educere", conduzir para...), não se orientando a sociedade por finalidades que correspondam às aspirações "genéticas" dos seres humanos, atravesse uma "crise" profunda. Não é possível conduzir para... sem finalidades, sem projecto. "A pedra filosofal da educação é, sem dúvida, ao contrário do que acontece neste momento, a integração progressiva, feliz e harmoniosa do mundo em cada um (enquanto nós assistimos a tentativas para integrar, a todo o custo, o indivíduo na sociedade). A "procura de humanidade" segundo a bela expressão de G. Gusdorf é a verdadeira aventura desta transmutação sempre a refazer". (J. Ardoino, Education et Politique, pag. 227, 1977)
- e. A denúncia da realidade política, cultural e educativa do nosso tempo deverá, no entanto, ser feita em nome de outro futuro, olhando as "estrelas": o nosso tempo está "entre", entre um período que acaba e outro cujas dores de parto são já voz libertada de um novo canto a inventar. Estamos no limiar de uma mutação milenar.
- f. Vivemos, portanto, no "reino do entre-dois" (René Barbier, Autrement nº 29 FEV-81, pag. 101) "entre":
- Entre a sociedade de consumo e a sociedade de penúria.
  - Entre os valores tradicionais que se afundam e os novos valores ainda por se afirmarem.
  - Entre a juventude sempre fascinante mas também perigosa, e a terceira idade marginalizada mas eleitoralmente presente.
  - Entre o terrorismo ("negro" ou "vermelho") e uma sociedade policial.
  - Entre os discursos "beatos" dos homens no poder e a linguagem "filantrópica" dos que os pretendem substituir.
  - Entre o desemprego crescente e a vida de trabalho "parcelizada".
  - Entre a sexualidade que começa a nascer e a pornografia repetitiva.
  - Entre a "felicidade" programada e a realidade da tristeza humana.
  - Entre os interesses diferenciados dos países ricos e dos países pobres.
  - Entre a ameaça permanente da guerra e a paz barricada.
- g. Para J. Baudrillard, no entanto, quando hoje se agita a "crise", tal não passa de simulação: "o princípio da realidade coincidiu com um estado de terminado da lei do valor. Hoje, todo o sistema balança na indeterminação, toda a realidade é absorvida pela "hiper-realidade" do código e da simulação. É um princípio de simulação que nos rege, em vez do antigo princípio da realidade. As finalidades desapareceram, são os modelos que nos produzem (...)" (J. Baudrillard, L'échange symbolique et la mort, p. 8/1976) A "crise" funcionará como expediente, paliativo ou diversão. "Utiliza-se a crise contra a "catástrofe" porque é ela ainda que confere o máximo de credibilidade". (Baudrillard, Crise ou catastrophe/Autrement nº 40 Mai-82, pag. 207)

Como actuar? Como colocarmo-nos? Já se referiu atrás que nós estamos "entre". Nós somos convidados a ser actores de uma mutação milenar. Também aqui algumas notas:

1. Será urgente um esforço para compreender o nosso tempo, o "entre" de maneira a podermos encontrar o lugar de actores sociais; um aspecto importante a ter em conta será não nos deixarmos dominar pela "ideologização" da "crise" ou simulação: na verdade, a posição de Baudrillard é, no mínimo, um alerta. É que a simulação não só afasta do real, o mais grave é que ela nos retira também a capacidade de sonhar.
2. Talvez possamos afirmar, com alguma segurança, que é fundamental atender tanto à realidade como ao sonho: "...A ciência esforça-se por descrever a natureza e discernir entre sonho e realidade. Mas não devemos esquecer que o ser humano tem, provavelmente, tanta necessidade de sonho como de realidade". É a esperança que dá sentido à vida". (F. Jacob, O jogo dos possíveis, Gradiva, pag. 137)



- 3. A gravidade da "crise" ou simulação não justificarão a perda da esperança e a inacção: "no perigo extremo cresce também aquilo que salva", lembra-nos Hölderlin. Por sua vez, René Char nos diz: "a cada afundamento das provas, o poeta responde com uma salva ao futuro"!
- 4. E o caminho a seguir? "Caminante no hay camino, se hace camino al andar" como nos sugere de uma forma linda o poeta A. Machado. Também o caminho tem de ser procurado: o caminho para mudar a política, a cultura e a educação não está escrito e definido. É, antes, um desafio à nossa capacidade de inventar, de criar.
- 5. Para mudar a vida, a política, a cultura e a educação, é imperativa outra visão do mundo e da vida: ao "homem unidimensional" é indispensável suceder o homem pluridimensional onde o "homo demens" (o sonho, a paixão, o mito) e o "homo ludens" (o jogo, o prazer, a festa) se combinam com o "homo sapiens".
- 6. A palavra para E. Morin: "Nós temos necessidade de ultrapassar a noção de homem técnico (homo faber), associando-lhe indissolivelmente uma outra de homem "imaginante" (imaginando, sonhando, fantasiando, mitificando). Nós temos necessidade de ultrapassar a noção de homo sapiens através da noção de homo sapiens/demens, a única que torna possível ter em conta a capacidade do homo sapiens para produzir poesia e arte, sonho e delírio (...). A visão tecno-economicista da sociedade resulta (resulta) da concepção unidimensional/redutora do homo faber/sapiens (...). Uma sociologia que não vê na sociedade senão processos de produção e de organização, é, deste modo, cega frente à consciência, à subjectividade, ao sentimento, ao amor, ao jogo, ao divertimento, ao humor".
- 7. Mudar a política implicará reconduzir a política ao sentido original de arte: será a "arte de governar a cidade", uma prática inventiva portadora de sentido porquanto portadora de futuro. A política será vista como uma praxis em que a história se torna esperança e a esperança se torna história. A transcendência não será então o inacessível, mas a capacidade que cada um tem de, em cada momento, "transcender" a situação em que se encontra: a capacidade de ruptura de cada homem, de todos os homens, com os diversos status quo's. Trata-se de desfatalizar a história, desfatalizando o futuro.
- 8. Mudar a cultura implicará passar de uma sociedade de produção a uma sociedade de criação: a cultura será a capacidade de inventar/criar o novo numa relação nova com a natureza, com os outros, com o mundo, com o futuro.
- 9. Mudar a educação será desenvolver uma relação educativa instituinte: em vez de reproduzir o instituído, trata-se de criar outra realidade o que implica, de acordo com R. Garaudy, "uma definição nova das finalidades da educação" bem como "uma mudança radical do conteúdo, dos programas, das estruturas e do funcionamento da actividade vital da cultura". "A primeira função da educação não pode ser adaptar a criança a uma ordem existente... mas, pelo contrário, ajudá-la a viver num mundo que muda a um ritmo sem precedente histórico, isto é, a tornar-se capaz de criar o futuro e de inventar futuros inéditos... Tratando-se de procurar novos fins para a a sociedade global, a invenção de um novo projecto de civilização, o estímulo da criatividade e do poder imaginativo de antecipação tornam-se o objectivo essencial da educação". (R. Garaudy, Le project espérance)
- 10. A História confronta-nos com uma mutação profunda: nela somos convidados a jogar a nossa liberdade, a conjugar o coração e a razão para conjuntamente criar, para conjuntamente avançar por caminhos nunca dantes percorridos. O futuro está também nas nossas mãos.

A TODOS  
OS QUE  
PROCURAM E CONSPIRAM OUTROS CAMINHOS  
ARMAS POEMAS E PRÁTICAS  
PARA DESPONTAR A MANHÃ CLARA



**CONVITE:** FICA CONVIDADO PARA UM DEBATE A REALIZAR NO DIA 6 DE JUNHO (QUARTA) DE 1984, PELAS 9.30 H, NA ESCOLA SECUNDARIA D. PEDRO V SOBRE O TEMA "MUDAR A POLITICA/A CULTURA/A EDUCACAO". (Salvo qualquer imprevisto de última hora) Conosco estará: MARIA DE LURDES PINTASILGO.

relp  
D